

Adilson Citelli

Professor titular do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, onde ministra cursos de graduação e pós-graduação. Orienta dissertações e teses nas áreas de Comunicação e Linguagem, com ênfase nas subáreas Comunicação/Educação, Comunicação/Linguagem. É coeditor da revista *Comunicação & Educação*, bem como pesquisador 1C do CNPQ\*.

E-mail: [citelli@uol.com.br](mailto:citelli@uol.com.br)

A seção Poesia tem procurado combinar a publicação de autores brasileiros e estrangeiros, alguns mais e outros menos conhecidos, no intuito de, ao mesmo tempo, fornecer referenciais canônicos e dar a nossos leitores jovens a oportunidade de conhecer poetas – ou, ao menos, aqueles cuja produção conhece circulação recente e mesmo mais restrita. Neste número, apresentamos alguns textos escritos por Agnaldo Gonçalves e saídos no livro *Vermelho*, publicado pela Editora Ateliê.

Agnaldo José Gonçalves nasceu em Buritama, estado de São Paulo, em 25 de agosto de 1949. É professor de Teoria Literária na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), de São José do Rio Preto. Crítico literário refinado, autor de obras fundamentais para o estudo das traduções intersemióticas entre literatura e pintura, Agnaldo Gonçalves exercita em *Vermelho* uma série de jogos de linguagem que revelam procedimentos apropriativos, seja na vertente das artes plásticas, a exemplo dos diálogos com Miró, seja na da tradição poética encarnada em João Cabral de Melo Neto ou Paul Valéry. Arnaldo Antunes aponta, em seu prefácio, algumas das marcas presentes nos poemas de *Vermelho*:

Diversos procedimentos formais (verbovisuais, barrocológicos, popponilistas, impressimolistas) se mesclam no mosaico vermelho de Agnaldo – dos diálogos com a tradição que compõem sua parte *a* (onde cada poema dedicado é um pouco impregnado pela forma daquele a quem se dedica), passando pelos grupos de poemas inter-relacionados por feixes de signos (parte *b*), que se rompem (“Óstraco”) em estranhas justaposições de imagens mais distantes, surpreendentemente associadas (parte *c*)<sup>1</sup>.

## IGNIÇÃO

a João Cabral de Melo Neto  
as pedras as pedras as pedras!  
pétalas minerais deste lirismo  
crespas superfícies de amianto  
resistentes às chamas  
e ao inferno refratárias

fibras infernais deste tecido sedoso  
limbo em placas frias  
rebento controlado da miséria  
em pedras enjauladas  
fricciono-as até o fogo  
e mais nada

\* É autor de inúmeros artigos e livros, dentre os quais se destacam: *Linguagem e persuasão* (Ática, 1994); *Comunicação e Educação: a linguagem em movimento* (Senac, 2000); *Palavras, meios de comunicação e educação* (Cortez, 2006).

1. Os indicadores a, b e c, do prefácio escrito por Arnaldo Antunes, dizem respeito ao fato de *Vermelho* estruturar-se em três partes integradas. Em linhas gerais: na primeira, há um diálogo com poemas e poetas lidos, num indicativo das influências recebidas; na segunda, existe um jogo com imagens, indagando-se acerca da extensão delas na e para a poesia; e, na última, revelam-se apreensões quase sensitivas do que decorreu da vivência do autor com as manifestações artísticas.

## ÓSTRACO

meninos eu vi: pérolas rolando  
pelas encostas de uma colina.  
desfizeram-se do colar ao se arrebataram  
contra um pequeno rochedo  
pérolas  
soltaram-se do fio  
e  
(soltas)  
Saltitaram  
como loucas:  
pérolas  
pérolas  
pérolas  
(completamente)  
pérolas  
redondas  
postas  
preciosas  
buscando no desfiladeiro  
seu ponto de origem.  
a ostra (ou si mesma)  
outra ostra  
recanto nato e anatômico  
glóbulo duro  
brilhante e nacarado  
formado na concha de moluscos bivalves  
pérola pura  
recomposta em adorno (como preciosa)  
no pescoço do humano.  
pérolas  
pérolas  
recônditas, redondas  
ostreídeos

assim vivem  
fixas nas pedras, ostramente  
fixas nos ferros,  
fixas na madeira, ostramente  
fixas em si mesmas ostrasostras.  
imunes ao Ostráceo (sempre ostra)  
confundem-se no outro (Ostracismo).  
como em outro sempre ostra (Ostracista)  
pérolas recônditas pérolas nesse mover-se em busca  
encontram nesta ostraria seu sinal de eternidade  
e de repouso  
serás sempre esse glóbulo ingênuo e precioso  
desenho de uma forma  
que se embate nesta geometria finda e infinda  
como o glóbulo ocular  
imune ao sol sem raios no nascente.